

ANA CATARINA MARQUES BARROSO

**ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A
FREQUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E A
CARACTERIZAÇÃO DE DIMENSÕES DA
PERSONALIDADE DE VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES ÍNTIMAS**

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A FREQUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E A CARATERIZAÇÃO DE DIMENSÕES DA PERSONALIDADE DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES ÍNTIMAS

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense, no curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 12 de Julho de 2019, perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral, nº 149/2019 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor Nélio Brazão
Arguente: Professora Doutora Renata Benavente
Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

LISBOA

2019

Agradecimentos

Esta página é dedicada aqueles que, diretamente ou indiretamente, deixaram a sua marca na minha vida pessoal e/ou profissional.

Aos meus pais, deixo um profundo agradecimento, pois sem eles, esta etapa não seria possível. Agradeço-lhes pelo apoio e confiança demonstrada em mim ao longo da minha vida.

Ao meu companheiro de vida e melhor amigo, agradeço todo o apoio, confiança e amor demonstrado no decorrer dos últimos sete anos, partilhando comigo os bons e os maus momentos, nunca deixando que estes permanecessem no meu pensamento.

Ao meu irmão, cunhada e sogros, o meu obrigada pelo apoio emocional, amizade e interesse constante no meu percurso académico.

Aos meus amigos, e em particular aos lisboetas, o meu profundo agradecimento pelos momentos de diversão quando estes mais foram precisos e pelas cedências demonstradas no decorrer dos últimos anos letivos.

À Professora Doutora Laura Alho, que aceitou ser orientadora desta dissertação, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o mesmo. Acima de tudo, obrigada por me continuar a acompanhar nesta jornada e me motivar quando mais foi necessário. Se daqui a dez anos, possuir um terço do seu conhecimento nesta área e da sua experiência, já serei uma profissional realizada.

Ao Doutor Mauro Paulino, pelo dispensar do seu conhecimento em prol do bem desta investigação. À Professora Maria Louro, orientadora de estágio curricular, e às Técnicas de Apoio à Vítima do Gabinete da APAV de Lisboa, agradeço pelos ensinamentos

prestados no decorrer do estágio curricular que me permitiram conhecer a realidade deste fenómeno sobre o qual me debrucei na dissertação.

Por fim, mas não menos importante, às minhas colegas de Seminário de Investigação e Estágio por todo o vosso apoio. A vocês, um especial agradecimento pela interajuda, carinho e preocupação transmitidas entre nós. Desejo-vos o melhor que o Futuro vos reserve, pois vocês merecem.

A todos os mencionados diretamente e nas entrelinhas deste texto, o meu profundo agradecimento por serem quem são e pelo papel que desempenharam e

desempenham na minha vida. Sem vocês, eu não seria a profissional e a pessoa que sou hoje, pelo que, por isso, estar-vos-ei sempre grata.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo verificar se o contacto com as redes sociais favorece o fenómeno de violência em relações íntimas e sugere características de personalidade distintas entre vítimas e não vítimas. Uma amostra de 172 indivíduos do sexo masculino e feminino, com idade superior a 18 anos participaram neste estudo. Foi aplicado um questionário sociodemográfico, que incluiu questões acerca das relações amorosas e hábitos online dos participantes, o Inventário NEO FFI-20 (Bertoquini & Pais Ribeiro, 2006 na adaptação portuguesa com 20 itens de Costa & McCrae, 1992) e o Inventário de Violência Conjugal (IVC, de Machado, Gonçalves e Matos, 2015). Após os dados recolhidos, a amostra foi dividida em vítimas de atos abusivos e “não-vítimas” (indivíduos que nunca sofreram qualquer comportamentos abusivo por parte dos seus parceiros amorosos).

Os resultados apresentaram um maior número de vítimas do sexo feminino, e dois domínios de personalidade (Amabilidade e a Extroversão) demonstraram ser significativos quanto à utilização das redes sociais, o primeiro domínio sugerindo que sujeitos mais amáveis apresentaram um uso médio de uma a cinco horas e indivíduos com valor mais alto de extroversão, uma frequência média de 10 a 15 horas diárias.

Palavras-Chave: Violência em relações íntimas, personalidade, redes sociais, vítimas, IVC, NEO FFI-20.

Abstract

The present study aimed to verify if contact with social networks supported the phenomenon of violence in intimate relationships and suggested distinct personality traits between victims and non-victims. A sample of 172 males and females aged over 18 years participated in this study. The NEO FFI-20 Inventory (Bertoquini & Pais Ribeiro, 2006 in the Portuguese adaptation with 20 items by Costa & McCrae, 1992) and the Inventory of Conjugal Violence (IVC de Machado, Gonçalves and Matos, 2015) were applied and also a sociodemographic questionnaire, which included questions about the participants' relationships and online habits. After the data collected, the sample was divided into victims of abusive and "non-victim" (individuals who never suffered any abusive behavior from their loving partners).

The results showed a greater number of female victims, and two personality domains (Amiability and Extroversion), were shown to be significant regarding the use of social networks, the first domain suggesting that subjects with higher values in Agreeableness presented an average use of one to five hours and individuals with a higher value of extraversion, an average frequency of 10 to 15 hours per day.

Keywords: violence in intimate relationships, personality, social networks, victims, IVC, NEO FFI-20.

Índice

Agradecimentos	
Resumo	
Introdução.....	11
As faces da violência no namoro e/ou relações íntimas.....	13
Perfil vitimológico... ..	15
Relações <i>online</i> e <i>offline</i>	19
Objetivos e hipóteses.....	23
Metodologia.....	24
Participantes... ..	24
Instrumentos de avaliação... ..	24
Questionário sociodemográfico.....	24
Inventário NEO FFI-20	25
Inventário de Violência Conjugal (IVC).....	25
Procedimentos... ..	26
Resultados.....	26
Discussão... ..	31
Referências... ..	36
Anexos.....	47

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição dos participantes por Sexo e Vitimação... 27

Tabela 2 – Distribuição dos atos sofridos por Sexo...28

Tabela 3 – Distribuição das Frequências de Utilização das Redes Sociais por Características de Personalidade, divididos por Vitimação30

Índice de Anexos

Anexo I – Consentimento Informado.....	48
Anexo II – Questionário Sociodemográfico... ..	49
Anexo III – Inventário NEO FFI-20.....	52
Anexo IV – Inventário de Violência Conjugal... ..	53
Anexo V – Lista de Contatos... ..	55

“O mundo é um lugar perigoso de se viver,
não por causa daqueles que fazem o mal, mas
sim por causa daqueles que observam e
deixam o mal acontecer”

(Albert Einstein, 1993)

Introdução

A palavra violência tem a sua origem no latim *violentia*, sendo descrito como o ato de constranger determinada pessoa, obrigando-a a praticar algo contra a sua vontade (e.g., Balista, Basso, Cocco & Geib, 2004). Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde explica a violência interpessoal como o uso de força física ou poder, através de ameaça ou comportamentos lesivos, contra sujeitos particulares ou uma comunidade, dos quais poderão emergir lesões físicas e/ou psicológicas, morte ou privação (Krug, Dahlberg, Zwi, Mercy & Lozano, 2002).

No entanto, o conceito de violência varia consoante a sociedade no qual é abordado, uma vez que, as diferentes culturas possuem distintas formas de classificar e punir os diversos comportamentos agressivos. Neste sentido, a violência torna-se um construto apreendido como uma infração ao sistema de valores decorrente de cada momento e cultura (Oliveira, 2009).

Restringindo ao conceito de violência no namoro, este é descrito pela *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima* (APAV, 2015) como comportamentos violentos, ocorridos de forma recorrente e frequente ou apenas em atos isolados, cometidos por indivíduos envolvidos numa relação amorosa, que tem por base a necessidade de obter controlo e domínio sobre o outro. São condutas de carácter abusivo, perpetrados de forma intencional, desenvolvendo-se em ações violentas, ou não violentas, como omissões e negligência.

Subdivide-se em violência emocional/ verbal (e.g., humilhação, insultos, atribuição de culpa, isolamento, controlo excessivo), económica (e.g., retirar dinheiro, impedir que obtenha emprego) física (e.g., bofetadas, pontapés, empurrões), sexual (e.g., forçar a prática de relações sexuais, visualização de atos sexuais) (Antunes, 2002; CIG, 2016). Os atos violentos podem variar não só em tipologia, como em severidade, frequência e gravidade, normalmente associado ao crescimento do relacionamento (CIG, 2016; Woffordt, Mihalic & Menard, 1994).

A violência no namoro ou intimidade surge associada ao crime de violência doméstica, declarado como crime público e presente no Código Processo Penal no Artigo 152.º – Lei n.º 59/2007, publicado em Diário de República a 04 de setembro de 2007, como “*Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:[...] (b) A*

pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação”.

Tendo em conta as definições mencionadas anteriormente, é importante salientar algumas das estatísticas nacionais e internacionais encontradas acerca da ocorrência deste fenómeno. No estudo realizado por Machado, Caridade & Martins (2009), foram inquiridos 4667 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, sendo que 25,4% destes revelaram já ter sido vítima de pelo menos um ato violento. Mais recentemente, em 2017, também a União de Mulheres Alternativa e Resposta efetuou um estudo com uma população de 5500 jovens com média de idades de 15 anos. Os resultados demonstraram que a violência no namoro se encontra cada vez mais presente nos relacionamentos amorosos, estando a vitimação entre os 6%, referentes à violência física e sexual, e os 19% respetivo à violência psicológica. Este estudo incluiu igualmente questões acerca de comportamentos violentos nas redes sociais, sendo que 11% revelaram ter sido alvo de algum ato abusivo online, que vão desde o controlo de mensagens à difamação (UMAR, 2017).

Importa salientar que na maioria dos estudos (e.g., Couto, 2013; Nelas, 2016; Rodrigues, 2011), o sexo feminino é demonstrado como a população mais vitimizada pelos respetivos companheiros. Foi referido no estudo de Santos (2015) que, uma em cada três mulheres de nacionalidade portuguesa são vítimas de violência por parte dos seus maridos, companheiros ou namorados, sendo esta a maior causa de morte ou invalidez em mulheres dos 16 aos 44 anos no continente Europeu. Deste modo é importante refletir acerca do porquê de estes números continuarem a aumentar, tanto no perspetiva do agressor, como da vítima.

As faces da violência no namoro e/ou relações íntimas

Os primeiros estudos em Portugal sobre Violência Doméstica surgem nos anos 90 desenvolvidos pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e estudos de investigação académicos. É também nesta década aprovado o Decreto-Lei nº 61/91 com a finalidade de proteger os direitos legais das mulheres vítimas de crimes violentos, no qual é criado um sistema de prevenção e apoio. Posteriormente é aprovado

o Decreto-Lei nº7/2000 que altera o artigo 152º passando a considerar o crime de Violência Doméstica como um crime público (Ribeiro, 2013).

Segundo o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (2017), foram registados 767 casos de vítimas de violência no namoro em 2016, o que representa um acréscimo de 10% em relação ao ano anterior. Relativamente a vítimas do sexo masculino, foram registados 60 casos em 2015 e 110 em 2016, o que corresponde a um aumento de 83,3%. Em ambas as situações é visível um aumento de casos, o que nos leva a ponderar o porquê deste acontecimento.

A influência das representações, não apenas da sociedade, como da própria família e pares e a intergeracionalidade dos atos violentos, influenciam o modo como estes os interpretam, pois não são atributos meramente masculinos ou femininos, mas construções culturais que transformam as identidades de cada género (Caridade & Machado, 2006).

Apesar de os casos de vitimação no sexo masculino tenham ganho alguma notabilidade e dos casos registados serem inferiores aos números reais, as designadas cifras negras, o sexo feminino permanece como sendo a vítima principal da violência na intimidade. São várias as motivações que levam as mulheres a justificar os atos violentos dos seus companheiros, assim como a permanência nos relacionamentos abusivos. O medo de represálias contra a própria, os seus familiares ou os filhos surge como uma das principais justificações, assim como a dependência emocional e económica, a falta de uma rede de apoio e a falsa crença na mudança de atitude do parceiro, sustentada por uma forte componente emocional associada à partilha de vivências felizes, projetos de futuro ou papéis e responsabilidades com os filhos (APAV, 2010; Balista et. al., 2004). Estudos como Eckstein (2011) e Hines e Douglas (2010), demonstram igualmente o constrangimento social como impedimento para a divulgação da situação de vitimação ou a permanência numa relação abusiva. Por sua vez, no estudo de Machado (2016), em Portugal, a maioria das participantes relatou não se ter percebido como vítima de uma relação abusiva, enquanto as restantes mencionaram a vergonha, a desconfiança no sistema de justiça e o receio de não acreditarem na sua situação como justificação para não expor o historial de vitimação.

No entanto, a permanência durante meses e, por vezes anos, em relações abusivas marcadas por comportamentos violentos continuados e/ ou padrões de controlo excessivo demonstra-se prejudicial deixando danos a curto ou médio prazo nas suas vítimas. O aumento de intensidade e frequência dos atos violentos faz com que a vítima

perca a sensação de controlo sobre si e sobre a sua vida, levando a uma perda de autoestima e autoconfiança (CIG, 2016). A prolongação destes sentimentos ao longo de tempo pode originar consequências graves, como a ideação suicida, demonstrada no estudo de Ullman (2004), em 19% das vítimas de violência sexual. A violência psicológica tem-se revelado como a mais difícil de demonstrar, embora seja possível verificar mudanças graduais a longo prazo, como o insucesso escolar/ profissional, o isolamento social, distúrbios alimentares, elevado nível de stress ou depressão (Sainz, Castro & Quintana, 2007).

O namoro é uma das etapas mais bonitas e agradáveis da vida humana, proporcionando a oportunidade de dois indivíduos se conhecerem e criarem projetos e desejos para um futuro conjunto. No entanto, em alguns relacionamentos, os números aumentam de ano para ano e este futuro a dois traduz-se num casamento abusivo precedido igualmente por uma relação violenta (Paiva & Figueiredo, 2003; Ribeiro, 2013).

Desta forma é relevante perceber como atuar junto destas vítimas de modo a sensibilizar e consciencializar acerca do que são relações não saudáveis, assim como atitudes e crenças violentas e abusivas.

Perfil vitimológico

O avanço de uma vitimologia centrada na díade agressor – vítima, para uma vitimologia mais abrangente que acautelava o contexto e a componente social, permitiu desvendar alguns crimes tidos anteriormente como ocultos. Deste modo, foi possível contrariar o perfil típico da vítima do sexo feminino, classe média, de baixa estatura e pouco robusta (Gardner, 1995).

A elaboração de um perfil vitimológico torna-se crucial para uma melhor prevenção da ocorrência deste tipo de atos, e após revisão da literatura sobre o fenómeno, não é correto confirmar a viabilidade de um perfil típico de uma vítima de violência conjugal, tendo em conta a variedade de dados. Deste modo, foi considerado que as principais características possíveis de serem demonstradas pelas vítimas de violência no namoro se dividem em fatores de risco individuais, relacionais, comunitários e sociais (Antunes, 2002).

O sexo feminino é referido como o mais afetado por este tipo de crimes, com

vítimas de idades compreendidas entre os 16 e 24 anos. A nível educacional, é referido que a maioria das vítimas revela um grau inferior de escolaridade, assim como um nível socioeconómico mais baixo e habitação em zonas de maior precariedade ou zonas rurais (Antunes, 2002). O risco de revitimação é superior quando existe a ocorrência de episódios de vitimação na infância, pelo que as experiências prévias são um importante fator no perfil da vítima (O’Keefe, Brockopp & Chew, 1986). Por fim surgem as características psicológicas como a existência de um estado ou traço depressivo, perturbações de ansiedade, baixa autoestima, reduzida assertividade, menor capacidade de resistir à pressão de terceiros, nomeadamente a manipulação verbal, défice nas competências relacionais e isolamento social (APAV, 2010).

A nível relacional, a qualidade e o grau de intimidade das relações amorosas são um fator importante pois uma maior intimidade pode significar um maior período de tempo passado juntos, assim como acesso a um maior número de contextos privados, favorecendo o controlo exercido pelo agressor (Matos, 2006). O papel do grupo de pares surge igualmente referido, uma vez que a interação com outros adolescentes/adultos que comprovem as crenças legitimadoras da vítima e minimizam os atos violentos poderão reforçar a sua atitude (APAV, 2010). Finalmente, a exposição à violência na família de origem e o uso de disciplina agressiva por parte dos progenitores ou cuidadores são igualmente um fator importante para a perpetração de violência (Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps, & Kub, 2003).

No que diz respeito aos fatores de risco comunitários, estes advêm da pobreza e criminalidade registada na comunidade habitacional da vítima, que aumenta a sua exposição a violência e armas, tal como a ausência de coesão social e recursos comunitários de suporte. Em ambos os géneros, a exposição a armas e violência na comunidade foi discutido como um importante preditor de perpetração e vitimação de violência (Glass et al., 2003).

Por seu lado, os fatores de risco sociais como a tolerância e normalização destes atos na comunidade, a aceitação de estereótipos relativos aos papéis de género e a ausência de penalizações sociais e legais, demonstram à vítima a ineficácia do sistema nestes casos, o que poderá pesar na sua decisão em confessar a situação (APAV, 2010).

Relativamente à vitimação no sexo masculino, pouca literatura existe alusiva a um perfil vitimológico. No estudo de Bernardino e colaboradores (2016), 14.6% dos casos registados eram referentes a homens vítimas das suas parceiras amorosas.

Resultados semelhantes foram visíveis no estudo de Carmo e colegas em 2011,

no qual foram documentados uma percentagem de 11.5% do total de casos observados. A média de idades das vítimas registada foi de 34 anos no primeiro estudo mencionado e de 41 anos no segundo (Bernardino et al., 2016; Carmo, Grams & Magalhães, 2011). Quanto a fatores sociodemográficos, o estado civil “casado” foi o mais denotado, assim como a residência numa área urbana, em habitação conjunta com a sua parceira. A nível educacional, foi registado um grau de escolaridade superior a 8 anos e uma empregabilidade certa, com salário fixo mensal (Bernardino et al., 2016).

Em 81.6% dos casos observados no estudo de Carmo e colaboradores, em 2011, denotaram a existência prévia de historial de agressão interpessoal. Uma junção de violência psicológica e física foram referidas como as formas de violência mais utilizadas pelas vítimas neste estudo, sendo que oito das vítimas do sexo masculino referiram sofrer igualmente de violência económica, que consistiu na destruição dos seus pertences (Carmo et. al., 2011).

A maioria dos entrevistados relatou ter sido vítima de agressões físicas ou psicológicas em criança por familiares próximos, o que vai de encontro com a teoria da intergeracionalidade dos atos violentos. Este facto torna-se ainda mais preocupante quando mais de 50% das vítimas referiram ter filhos em comum e a habitar na mesma residência onde as agressões ocorrem (Carmo et. al., 2011). No entanto, 73% dos casos, o que correspondeu a 306 vítimas, relataram não ter denunciado ou apresentado queixa nas devidas autoridades (Carmo et. al., 2011), o que se torna igualmente um fator de risco pois perceber que um indivíduo que afirma gostar de alguém seja capaz de o/a magoar física ou psicologicamente leva à criação de um sentimento de desilusão que, aliado ao medo de ficar sozinho e à vergonha de ter permitido que tal acontecesse e que ninguém acredite na sua história de vitimação, cria um estado de impotência perante a situação. Deste modo, permanece a culpabilização do próprio, a desculpabilização do comportamento violento e a esperança de uma mudança de atitudes (Alho, 2018).

Uma possibilidade de fuga a esta realidade preenchida de violência e sofrimento pode ser o uso das redes sociais, pelo que de seguida iremos perceber como surgiram e a importância que ganharam nas vidas das pessoas e nas suas rotinas diárias e qual o seu impacto na ocorrência de algumas facetas da violência.

Relações online e offline

O constante acesso a informação e a novas pessoas em todo o mundo testemunha o surgimento de novos problemas sociais. A internet é atualmente acessível à grande maioria dos jovens, sendo que 78% dos adolescentes em Portugal, com idades compreendidas entre 13 e 16 anos, referiram utilizar a internet (Livingstone, Ólafsson e Staksrud, 2011). Outros estudos relatam que mais de 90% dos estudantes universitários possuem contas de Facebook (Cheung, Chiu & Lee, 2010; Pempek, Yermolayeva & Calvert, 2009) e, embora possam ser utilizadas para facilitar o estudo, os alunos indicam que o seu uso passa principalmente pela comunicação com amigos, a visualização de fotos e perfis de outras pessoas, como modo de evitar o tédio e/ou procrastinar quando é necessário realizar outra atividade para a qual não possuem motivação (Pempek et al., 2009).

Segundo o estudo de Sozio e colaboradores (2015), posteriormente comprovado por Simão e colaboradores (2017), a maior percentagem de utilização de redes sociais recai no *Youtube*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Snapchat* e *Facebook* respetivamente. Por outro lado, o *Tumblr* e o *Twitter* são as redes sociais menos utilizadas pelos inquiridos dos estudos mencionados anteriormente.

Redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter* tornaram particularmente simples para jovens e adultos se relacionarem e compartilharem informação, o que pode ser facilmente confundido com conexões reais e com o sentimento de pertença (Peluchette, Karl & Wood., 2015). Desta forma, os agressores descobriram um caminho alternativo para se intrometerem na vida pessoal de potenciais novas vítimas, onde o grau de anonimato online é exacerbado pela falta de restrições impostas e pela falsa sensação de segurança ao estar protegido atrás de um ecrã (Berson, Berson & Berson, 2002).

Os adolescentes são a população mais propensa a se envolverem-se numa comunicação online excessiva, uma vez que estas acompanham as três mudanças comportamentais mais frequentes nesta faixa etária, sendo elas a necessidade de perigo e adrenalina, a procura de sensações e o afastamento dos pais para aproximação dos pares (Giedd, 2012). Por sua vez, o uso excessivo de conversação *online* foi associado a declínios na comunicação com familiares e amigos fora das redes sociais, uma vez que a interação *online* em demasia interfere com a habilidade de criar intimidade em relações *offline* (Turkle, 2011), resultando numa perda de experiências sociais presenciais (Chen, Xie, Ping & Wang, 2017).

Num estudo de Kraut e colaboradores (2002) foi concluído que o uso da

Internet melhorou a conectividade social e o bem-estar dos participantes. No entanto, esses resultados positivos foram apenas encontrados em adolescentes que usam a Internet predominantemente para manter amizades já existentes, uma vez que quando o uso principal é formar novas amizades e/ ou conversar com estranhos, os efeitos positivos desaparecem (Valkenburg & Peter, 2007).

Noutro estudo de Kraut e colegas (1998) foram administradas escalas de depressão e solidão a participantes antes de estes começarem a usar a Internet pela primeira vez e novamente um ano depois. Foi concluído que ambos os construtos aumentaram com a quantidade de tempo despendida online. Por outro lado, foi indicado por Amichai-Hamburger e Ben-Artzi (2003) que sujeitos mais predispostos à solidão se envolvem com maior frequência no uso da Internet, facto possível de explicar pela oportunidade que esta potencia na obtenção de acesso e interação com outras pessoas por meio de sites ou redes sociais sem a obrigação de uma interação pessoal e presencial.

Deste modo, e embora estudos (e.g., Valkenburg & Peter, 2011) refiram que a utilização da Internet e dos recursos tecnológicos possam estar associados a um aumento de bem-estar, outras investigações (e.g., Wright, 2017) revelam que a forma como estes recursos são usados podem resultar em consequências negativas no desenvolvimentos dos sujeitos.

Segundo Kaplan e Haenlein (2010), 75% dos utilizadores da Internet estariam registados em alguma rede social, sendo que 17.9% passariam todo o seu tempo *online* na rede social *Facebook*. Quando interligado com os cinco domínios de Personalidade – Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência – é possível verificar na literatura a existência de estudos que comprovam uma correlação entre os traços descritos e os comportamentos desempenhados online.

Sujeitos com altos valores em Neuroticismo relataram utilizar a internet como modo de atingir um sentimento de pertença, estando assim este traço associado positivamente com a quantidade de tempo passado online (Wehrli, 2008). Este facto pode ser igualmente explicado pela necessidade que estes sujeitos demonstram no controlo da relação, uma vez que, este tipo de interação permite um maior controlo da informação transmitida, assim como um maior período para a escolha da reação adequada do que o possível na comunicação face a face (Correa, 2010; Ross et al., 2009). No entanto demonstram-se menos propensos a partilhar informações pessoais (Ross et. al., 2009). Por sua vez os autores Amichai-Hamburger e Vinitzky

(2010), concluíram que estes seriam mais orientados a publicar fotos do que sujeitos com maior predominância de outros traços.

Indivíduos com altos resultados de Extroversão envolvem-se mais frequente em atividades de interação social (Wehrli, 2008), despendem mais tempo em redes sociais, pertencem a mais grupos e possuem mais amigos, assim como uma maior transmissão das suas atividades diárias e a publicação mais frequente de fotografias (Correa, 2010; Ross et. al., 2009). Por sua vez, também sujeitos introvertidos são utilizadores frequentes, uma vez que beneficiam desta comunicação indireta para compensar o seu déficit interpessoal (Wehrli, 2008).

Indivíduos com elevado traço de Amabilidade normalmente revelam-se simpáticos, flexíveis, gentis e confiantes, no entanto estes tendem a não se envolver recorrentemente em atividades online. Por sua vez, sujeitos com baixos pontuações revelam maior frequência de comentários no próprio mural sobre outros indivíduos (Moore & McElroy, 2012).

A Conscienciosidade diz respeito a indivíduos confiáveis, cuidadosos, responsáveis e organizados. Pessoas com níveis elevados de Conscienciosidade demonstram pouca utilização do *Facebook*, pois referem preferir atividades académicas a momentos de lazer (Devaraj, Easley & Crant, 2008)

A dimensão de Abertura à Experiência representa a curiosidade, a mente aberta e a disposição de sujeito em explorar novas ideias (Moore & McElroy, 2012). Ross et al. (2009) relatou que indivíduos com altos níveis de Abertura à Experiência estavam mais dispostos a considerar métodos alternativos de comunicação, o que se revela importante no uso do *Facebook*, uma vez que este permite a exploração de outros interesses, no entanto este traço de personalidade pouco se correlacionou com o tempo gasto online, o número de amigos ou fotos publicadas. No entanto, Amichai-Hamburger e Vinitzky (2010) relataram que sujeitos com elevada Abertura à Experiência demonstram uma maior propensão a utilizar funcionalidades do *Facebook*. Também Gosling e colaboradores (2011) sugeriram uma alta correlação destes sujeitos com maior número de amigos e maior tempo envolvido nas redes sociais, o que revela uma incoerência de dados.

Objetivos e hipóteses

Tendo em conta a revisão de literatura torna-se relevante perceber se as dimensões de personalidade referidas anteriormente afetam o modo de interagir nas redes sociais e se são afetadas pelo número de horas passadas online. Deste modo, o objetivo primordial desta investigação passa por comparar os dados recolhidos entre vítimas de violência no namoro por parte dos seus parceiros amorosos/ íntimos com as respostas do grupo constituído por indivíduos não vítimas de atos abusivos, através do IVC. Mais concretamente pretende-se verificar se as cinco dimensões da personalidade (Costa & McCrae, 1992) dos participantes de ambos os grupos divergem mediante a frequência de uso das redes sociais.

Mediante a literatura apresentada, espera-se que as mulheres sejam mais vitimizadas pelos companheiros (e.g., Couto, 2013) comparativamente com os homens (Hipótese 1).

Através da aplicação do IVC, espera-se que a violência psicológica seja o tipo de violência mais reportada, seguida dos comportamentos de controlo (e.g., UMAR, 2017; Ullman, 2017) (Hipótese 2).

Uma vez que são consideradas as cinco dimensões de personalidade, após aplicação do NEO FFI-20, é expectável que uma elevada cotação em cada uma destas dimensões estejam associadas a uma elevada frequência de horas despendidas nas redes sociais (Hipótese 3) (e.g., Amichai-Hamburger & Vinitzky, 2010; Correa, 2010; Devaraj et. al., 2008; Wehrli, 2008; Moore & McElroy, 2012; Ross et. al., 2009).

Metodologia

O presente estudo foi aprovado pelo Comité de Ética de Escola de Psicologia e Ciências da Vida, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Participantes

Foram considerados indivíduos de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa. Como critérios de inclusão, os participantes deveriam ter idade superior a 18 anos de idade e capacidade de responder a questionários online.

Foram obtidas 173 respostas, sendo que um participante foi excluído por ser menor de idade. Deste modo, a amostra final foi composta por 172 participantes, dos quais 125 são do sexo feminino, apresentando idades entre os 18 e os 63 anos ($M = 33.12$; $DP = 11.77$) e 47 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 70 anos ($M = 32.83$; $DP = 12.09$).

Instrumentos de Avaliação

Questionário Sociodemográfico

Foi elaborado um Questionário Sociodemográfico em formato online, no qual foram recolhidos dados sociodemográficos, como a idade ou o estado civil. Também neste constavam questões acerca dos seus hábitos nas redes sociais.

Inventário NEO FFI-20

A utilização do questionário NEO FFI-20 permite avaliar os cinco principais domínios da personalidade. Versão adaptada por Bertoquini e Pais Ribeiro (2006), do Inventário NEO de Costa e McCrae (1992), não se trata de um teste de aptidão ou inteligência. A sua intenção não é identificar condições de saúde mental, pelo que se revelou a melhor opção para este estudo. O preenchimento deste inventário é realizado através da seleção de uma resposta numa Escala de Likert de cinco itens expressado em “Concordo Fortemente”, “Concordo”, “Neutro”, “Discordo” e “Discordo Fortemente”. A sua cotação é realizada por meio da soma dos valores correspondentes às facetas de cada um dos cinco domínios.

Inventário de Violência Conjugal (IVC)

Criado por Machado, Gonçalves e Matos em 2008, este inventário permite ter conhecimento das diferentes formas de violência a que os participantes possam ter sido sujeitos, assim como os atos violentos que possam ter sido cometidos por estes aos seus parceiros. É igualmente possível a verificação da frequência com que se realizaram e a sua ocorrência no momento atual (Oliveira & Sani, 2005). O inventário é composto por 21 itens, sendo que a primeira parte se refere a comportamentos violentos que o participante tenha sofrido no último ano e a segunda a comportamentos sofridos no passado, em qualquer relação amorosa que este já tenha mantido. Conta com a seguinte divisão sobre os itens referente ao tipo de maus tratos perpetrados: itens 1, 3, 10 e 13 remetem para os maus tratos físicos, os itens 4, 5, 8, 11, 12, 15, 16, 17 e 18 para os maus tratos físicos severos, e por fim, os itens 2, 6, 7, 9, 14, 19 e 20 referem-se aos maus tratos emocionais. Deste modo, os itens compreendem comportamentos abusivos a nível físico, emocional, opressivo e/ou de intimidação.

Este inventário não tem uma cotação predefinida, pelo que a sua análise foi realizada resposta a resposta, verificando a frequência de ocorrência de cada comportamento assinalado. Segundo os autores do questionário (Machado, Gonçalves & Matos, 2015) apenas é necessário que os inquiridos admitam ter sofrido pelo menos um ato violento para serem classificados como vítimas.

Procedimentos

Prévio à aplicação das escalas referidas anteriormente, foi apresentado aos participantes um Consentimento Informado, que os informava das condições do estudo, e garantia o seu anonimato e a confidencialidade de utilização dos dados apenas para fins de investigação. Os resultados foram analisados usando o programa SPSS versão 22, através da elaboração de análises descritivas gerais, MANOVAS e Correlações de Pearson.

Resultados

Os resultados são apresentados tendo em conta a separação dos participantes em dois subgrupos, ou seja, os sujeitos vítimas de violência por parte dos seus parceiros

amorosos e os indivíduos que relataram não ter sofrido qualquer tipo de comportamento abusivo.

Acerca da primeira hipótese de trabalho proposta, ou seja, que os sujeitos do sexo feminino demonstrariam maior indicação de vitimação em relacionamentos amorosos, esta foi comprovada através do autorrelato dos participantes e do preenchimento do IVC. Em 83 participantes (48.26%) que demonstraram ser vítimas de violência no namoro, 66 são do sexo feminino (79.52%) e 17 do sexo masculino (20.48%) (cf. tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos participantes por Sexo e Vitimação (Valores arredondados às centésimas)

	Sexo	N	%
Geral	Feminino	125	72.67%
	Masculino	47	27.33%
	Total	172	100%
Vítima	Feminino	66	79.52%
	Masculino	17	20.48%
	Total	83	100%
Não Vítima	Feminino	59	66.29%
	Masculino	30	33.71%
	Total	89	100%

Respondendo à segunda hipótese de trabalho, e tendo em conta os resultados do IVC, analisou-se, consoante o sexo, os atos sofridos mencionados pelos participantes, no qual constam os dados somados das duas partes do inventário, ou seja, nesta está incluída os atos abusivos referentes a relações atuais e anteriores. No que toca aos atos sofridos (cf. tabela 2), os participantes do sexo masculino indicaram ter sido vítimas de 31 atos violentos (12.81%), repartidos em 12 comportamentos físicos (38.71%) e 19 atitudes

emocionais (61.29%). Em contrapartida, os participantes do sexo feminino referiram ter sofrido 211 comportamentos abusivos (87.19%), divididos em 71 atos físicos (33.65%) e 140 atitudes psicológicas (66.35%), demonstrando uma larga diferença de valores.

Tabela 2. Distribuição dos atos sofridos por sexo (valores arredondados às centésimas)

Itens	Masculino	Feminino
1. Puxar os cabelos com força	0	2
2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar	10	56
3. Dar uma bofetada	5	13
4. Apertar o pescoço	0	7
5. Ameaçar com armas ou usando força física	0	6
6. Partir ou danificar coisas intencionalmente	1	18
7. Acordar a meio da noite, para causar medo	1	4
8. Dar um murro	1	4
9. Impedir o contato com outras pessoas	3	17
10. Atirar com objetos à outra pessoa	2	5
11. Dar uma sova	1	3
12. Dar pontapés ou cabeçadas	0	2
13. Dar empurrões violentos	3	12
14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo	0	16
15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0	1
16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	0	3
17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica	0	0
18. Forçar a pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade	0	13
19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas		
20. Gritar ou ameaçar, para meter medo	4	25

Quanto à terceira hipótese de trabalho, era esperado que os cinco domínios de personalidade fossem estatisticamente significativos quando comparados com a Frequência de Utilização de Redes Sociais (cf. tabela 3). Após realização da MANOVA, foi verificado que apenas o domínio “Amabilidade” se revelou marginalmente significativa ($F(2, 80) = 27.652$; $p =$

.055), sugerindo que sujeitos com valores mais elevados neste domínio demonstraram despende uma média de 1 a 5 horas por dia nas redes sociais ($M = 12.26$; $DP = 2.20$). Por sua vez, as correlações de Pearson realizadas entre a Frequência de Utilização das Redes Sociais com os cinco domínios de personalidade, não mostrou nenhuma correlação positiva para o grupo das vítimas ($p \geq .05$).

Da mesma forma, no grupo das não vítimas, a terceira hipótese de trabalho, demonstrou que, dois fatores de personalidade se revelaram estatisticamente significativos, nomeadamente a “Extroversão”, ($F(3, 85) = 18.17$; $p = .039$) e a “Abertura à Experiência”, ($F(3, 85) = 18.133$; $p = .020$), demonstrando uma tendência para sujeitos com valores mais elevados passarem, por dia, entre 1 a 5 horas nas redes sociais ($M = 14.32$; $DP = 2.55$) para o primeiro domínio e um uso médio de 10 a 15 horas diárias ($M = 13.67$; $DP = 4.73$) no segundo. Foi realizada uma Correlação de Pearson entre a Frequência de Utilização das Redes Sociais e a dimensão “Abertura à Experiência”, revelando existir uma correlação positiva significativa ($r = .287$, $n = 89$, $p = .006$), isto é, quanto maior for o valor de “Abertura à Experiência”, maior será o uso de redes sociais. Facto esse que, à semelhança da análise anterior, denota uma tendência destes sujeitos para um número de horas nas redes sociais entre 10 a 15 horas. ($M = 13.67$; $DP = 4.73$).

Tabela 3. Distribuição das Frequência de Utilização das Redes Sociais e Características de Personalidade, divididos por Vitimação (valores arredondados às centésimas)

Vítima					
	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade
1 – 5 Horas	M 13.03; DP 2.00	M 14.18; DP 2.63	M 10.90; DP 2.31	M 12.26; DP 2.20	M 16.07; DP 2.51
5 – 10 Horas	M 12.50; DP 1.72	M 14.90; DP 2.99	M 11.80; DP 3.49	M 12.00; DP 1.63	M 16.00; DP 2.11
10 – 15 Horas	M 11.00; DP -	M 18.00; DP -	M 15.00; DP -	M 7.00; DP -	M 19.00; DP -
Mais de 15 Horas	-	-	-	-	-

Total	M 12.92 DP 1.96	M 14.31; DP 2.68	M 15.00; DP 2.50	M 12.17; DP 2.19	M 16.10; DP 2.46
Não Vítima					
1 – 5 Horas	M 11.61; DP 2.34	M 14.32; DP 2.55	M 10.63; DP 2.19	M 11.58; DP 1.83	M 16.30; DP 2.05
5 – 10 Horas	M 12.07; DP 2.30	M 12.36; DP 2.41	M 11.00; DP 2.25	M 11.29; DP 1.68	M 15.00; DP 1.71
10 – 15 Horas	M 11.33; DP 2.52	M 12.67; DP 1.16	M 13.67; DP 4.73	M 12.33; DP 0.58	M 15.33; DP 2.08
Mais de 15 Horas	M 13.00; DP -	M 16.00; DP -	M 16.00; DP -	M 12.00; DP -	M 16.00; DP -
Total	M 11.69 DP 2.29	M 13.98; DP 2.58	M 10.84; DP 2.39	M 11.56; DP 1.78	M 16.06; DP 2.03

Adicionalmente, e embora não sendo o objetivo principal deste trabalho, foram analisadas as variáveis: habilitações literárias, nível socioeconómico e estado civil dos participantes, uma vez que estas são apontadas na literatura como sendo importantes no perfil vitimológico (e.g., Antunes, 2002).

Relativamente às habilitações, a maioria da amostra quer no grupo das vítimas, quer no grupo das não vítimas, têm cursos superiores (71% e 66%, respetivamente), não sendo esta diferença estatisticamente significativa ($p \geq .05$). Foi realizada uma correlação de Pearson entre as habilitações e o estatuto de vítima/não vítima e verificou-se uma correlação negativa entre ambas, mas sem significância estatística ($p \geq .05$).

No que diz respeito ao nível socioeconómico em ambos os grupos, pode verificar-se que a maioria dos participantes está integrada no nível médio (87% no grupo das vítimas e 92% no grupo das não vítimas, respetivamente), sendo que esta diferença não é estatisticamente significativa ($p \geq .05$). Verificou-se uma correlação negativa entre as variáveis, mas sem significância estatística ($p \geq .05$).

Finalmente, no que diz respeito ao estado civil, a amostra é maioritariamente composta por pessoas solteiras (66% no grupo das vítimas e 70% para o grupo das não vítimas), não sendo esta diferença significativa do ponto de vista estatístico ($p \geq .05$). De igual forma foi constatada uma correlação negativa entre as variáveis, porém, sem significância estatística ($p \geq .05$).

Por fim, e a título de curiosidade, foram realizadas correlações de Pearson para

determinar se o número de horas passado nas redes sociais está relacionado com o sexo, estatuto socioeconómico e estado civil dos participantes de ambos os grupos. Verificou-se que, no grupo das vítimas, existe uma correlação positiva entre o número de horas online, o sexo e o estado civil dos participantes, sendo que as mulheres e os solteiros usam mais as redes sociais. No entanto, estas correlações não têm significância estatística ($p \geq .05$). No que diz respeito ao estatuto socioeconómico, verificou-se uma correlação negativa, também sem significância estatística ($p \geq .05$).

No grupo das não vítimas foi possível verificar uma correlação positiva entre o número de horas, o sexo, o estado civil e o estatuto socioeconómico dos participantes, mas apenas o estado civil revelou ter significância estatística ($r = .279$, $p = .008$).

Discussão

A violência doméstica constitui uma das principais causas de morte no seio familiar e a maior causa de morte e de ferimentos de mulheres em todo o mundo (Castanho, 2018). Assim, é importante refletir sobre a sociedade atual, e no modo como esta gere as relações interpessoais e o rápido crescimento da tecnologia, nomeadamente das redes sociais.

Partindo da revisão de literatura nesta área, foram propostas três hipóteses de trabalho neste estudo. A primeira, referente às relações amorosas, na qual era esperado que o sexo feminino se revelasse como o sexo mais vitimizado pelos seus parceiros amorosos. Segundo o Ministério da Administração Interna (2019), a Polícia de Segurança Pública e a Guarda Nacional Republicana receberam, em conjunto, 26.439 queixas no âmbito da Violência Doméstica no decorrer do ano de 2018. Sendo que 79% das vítimas eram do sexo feminino. Também o Observatório de Mulheres Assassinas da União de Mulheres Alternativa e Resposta (2019) registou um total de 28 mulheres assassinadas em 2018, perfazendo 503 mulheres assassinadas entre 2004 e 2018. Do mesmo modo, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2019) registou o atendimento a 6928 vítimas de violência doméstica, sendo que 86.3% eram do sexo feminino. Também neste estudo a hipótese foi comprovada através do autorrelato dos participantes e do preenchimento do Inventário de Violência Conjugal, pois em 83 (48.26%) participantes que demonstraram ser vítimas de violência no namoro, 66 são do sexo feminino (79.52%) e 17 do sexo masculino (20.48%). No entanto, importa referir que a amostra referente ao sexo feminino era significativamente superior à do sexo

masculino, isto é, 125 participantes contra 47 do sexo feminino, o que compromete os resultados representando uma limitação incontornável do estudo.

Uma das questões que se levanta com este tipo de questionários online é que os participantes nem sempre se identificam conscientemente como vítimas de comportamentos abusivos. Machado (2016) demonstrou que a maioria dos participantes do seu estudo não soube identificar-se enquanto vítima, pelo que era possível que, também neste estudo, surgissem indivíduos vítimas de violência na namoro que não se identificassem nesse papel. Situação que se verificou com 26 participantes deste estudo, que à questão “Sente que já foi vítima de violência em alguma relação amorosa?”, responderam negativamente tendo, no entanto, assinalado no decorrer do IVC comportamentos sofridos.

Após a aplicação do IVC, foi verificado que, para os participantes do sexo masculino, os comportamentos psicológicos foram os mais recorrentes ($n = 19$, 61.29%), assim como para o sexo feminino ($n = 140$, 66.35%), o que corrobora a hipótese colocada e vai de encontro com a revisão de literatura (e.g., UMAR, 2017).

A terceira hipótese foi baseada no pressuposto que, a personalidade reflete as dimensões de cada ser humano e estas são demonstradas através de pensamentos e ações (Devaraj, 2008). Isto é, a personalidade é relevante para perceber o modo como os indivíduos se comportam nas redes sociais, visto que esta é sustentada pela interação humana. No entanto, a frequência de horas passadas pelos participantes nas redes sociais revelou ser um fator difícil de obter, uma vez que, atualmente estas são cada vez em maior número e encontram-se com maior frequência em dispositivos móveis, permitindo a sua consulta a qualquer hora do dia. Deste modo, este indicador foi apenas baseado no autorrelato dos participantes.

Abordando o grupo das vítimas, e especificando os cinco fatores de personalidade, apenas o domínio “Amabilidade” se revelou marginalmente significativo, tendo, no entanto, demonstrado uma correlação negativa. Este resultado difere da revisão de literatura, uma vez que, é referido que sujeitos com um elevado traço de “Amabilidade” sejam mais simpáticos, flexíveis e gentis, procurando as redes sociais como um meio de comunicação preferencial (Costa & McCrae, 1992). No entanto, os resultados deste estudo, indicam que indivíduos com valores mais altos neste domínio demonstraram um uso médio das redes sociais de 1 a 5 horas, o que sendo um valor aceitável, era a categoria mínima de entre as opções disponibilizadas aos participantes.

Por sua vez, no grupo das não vítimas, dois fatores de personalidade revelaram-

se estatisticamente significativos, nomeadamente a “Extroversão” e a “Abertura à Experiência”, ambos resultados positivamente correlacionados com a variável “Frequência de Utilização das Redes Sociais”, e coerentes com a revisão de literatura.

Ou seja, indivíduos com elevados traços de “Extroversão” envolvem-se mais frequentemente em atividades de interação social (Wehrli, 2008) e despendem mais tempo em redes sociais (Correa et.al, 2010; Wilson, Fornasier & White, 2010; Ross et al. 2009). Neste estudo, essa hipótese não foi confirmada, pois os resultados indicam uma frequência média de utilização das redes sociais de 1 a 5 horas médias, o que sendo valor aceitável, era uma opção considerada mais baixa neste estudo. O domínio de “Abertura à Experiência” representa a curiosidade, a mente aberta e a disposição dos sujeitos em explorar novas ideias (Moore & McElroy, 2012). Ross et. al. (2009) relatou que indivíduos com altos níveis de “Abertura à Experiência” estariam mais dispostos a considerar métodos alternativos de comunicação, o que se revela importante no uso de redes sociais, uma vez que este permite a exploração de outros interesses. Também Amichai-Hamburger e Vinitzky (2010) relataram que sujeitos com elevada “Abertura à Experiência” demonstram uma maior propensão a utilizar funcionalidades das redes sociais. Igualmente nesta investigação este facto foi comprovado, uma vez que os dados revelaram uma frequência de uso das redes sociais entre 10 a 15 horas médias diárias, e que quanto maior for o valor de “Abertura à Experiência”, maior será o uso de redes sociais.

Por fim, os resultados adicionais não demonstraram existir correlação significativa entre as variáveis de interesse, referentes ao nível de escolaridade, nível socioeconómico ou estado civil, o que revela não ter ocorrido uma ligação direta entre os valores mais elevados nestas variáveis e o aumento dos valores de vitimação.

A pertinência deste estudo centrou-se na enumeração das principais características de personalidade mais salientes em vítimas de violência no namoro/doméstica, de modo a alertar para uma prevenção mais eficaz em sujeitos com este perfil. E embora os dados deste estudo não possam ser generalizados devido ao tamanho da amostra, é importante salientar a ocorrência de cada vez mais casos de violência doméstica e a legitimação de atos abusivos entre os jovens. As instituições governamentais e não governamentais de apoio às vítimas de Violência Doméstica não estão preparadas para responder com eficácia aos pedidos de ajuda antes da ocorrência de violência ou agressão física (Antunes, 2002). Existe ainda a resistência das vítimas em pedir ajuda e deixar que as ajudem, perfazendo com que perdurem as tradições sociais tão fortemente enraizadas na nossa sociedade. Por sua vez, a falta de apoio

financeiro e recursos por parte das entidades governamentais, faz com que as organizações de apoio e instituições de autoridade policial apenas consigam atuar após a existência de conflito e não na sua prevenção.

As primeiras referências a programas de prevenção nesta problemática surgiram na década de 1990, e após uma revisão da literatura é possível verificar a existência de várias propostas de intervenção na violência no namoro, tanto a nível nacional como internacional. Muitas das intervenções inicialmente formuladas baseavam-se no pressuposto de reestruturação de comportamentos dos agressores e na criação de estruturas de apoio às vítimas (Perez & Rasmussen, 1997). Ainda que este seja um objetivo importante, denota-se uma negligência de prevenção primária, essencial para travar o possível estabelecimento de comportamentos violentos não apreendidos numa fase mais jovem. Outra questão subjacente a este pressuposto, é que, para estas intervenções serem viáveis, era necessária a existência de um agressor e uma vítima, ou seja, de o crime já ter ocorrido. Sendo que, os primeiros programas de prevenção dirigidos a adolescentes seriam adaptações de programas criados para a população adulta, baseando-se nos mesmos conteúdos, dinâmicas e instrumentos (Wekerle & Wolfe, 1999).

Segundo Saavedra e Machado (2013) a adolescência surge como a fase propícia para este tipo de prevenção, uma vez que o objetivo passa por atuar numa altura em que a temática seja relevante para os jovens, mas evitando que os comportamentos violentos estejam já estabelecidos.

Deste modo, é importante nesta fase o ensino de competências para a criação de relacionamentos saudáveis, prevenindo assim, possíveis relações tóxicas e violentas numa fase adulta (Whitaker, Morrison, Lindquist, Hawkins, O'Neil, Nesisus, Mathew & Reese, 2006; Saavedra & Machado, 2013).

A violência nas relações íntimas tornou-se atualmente um problema de saúde pública, com consequências cada vez mais nocivas para a saúde mental dos jovens, sendo a baixa autoestima, a depressão e o abuso de substâncias, apenas algumas das mais relevantes. É um relevante preditor de violência no futuro, mais especificamente de violência conjugal, pelo que é extremamente importante iniciar a prevenção a um nível mais precoce.

Referências

- Alho, L. (2018) Violência no Namoro - A Realidade em Estudo. Apresentação decorrida no âmbito da ação de formação “*Violência doméstica e de género e mutilação genital feminina*”, no CEJ (Lisboa), a 15 de junho de 2018. 1º Ed, 41-58. Retirado de http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/penal/e4b_ViolenciasDomesticas.pdf
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2003). Loneliness and internet use. *Computers in Human Behaviour*, 19 (1) , 71–80. doi: 10.1016/S0747-5632(02)00014-6Get
- Amichai-Hamburger, Y., & Vinitzky, G. (2010). Social network use and personality. *Computers in Human Behavior*, 26 (6), 1289–1295. doi: 10.1016/j.chb.2010.03.018
- Antunes, M. (2002). Violência e vítimas em contexto doméstico. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crime, Vol. I: Adultos*, 43-77. Coimbra: Quarteto. ISBN 972-8717-20-2
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2010) Manual Alcipe - Para o atendimento de mulheres vítimas de violência, 2, 11-37. *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima*, Lisboa. Retirado de https://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2015) Folha Informativa – Violência no Namoro. *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima*, Lisboa, 1-2. Retirado de https://www.apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_violencia_no_namoro.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2019) Estatísticas APAV – Relatório Anual 2018. *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima*, Lisboa, 1-24. Retirado de http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2018.pdf
- Balista, C., Basso, E., Cocco, M. & Geib, L. (2004) Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 6 (3), 350-357. doi: 10.5216/ree.v6i3.836
- Bernardino, I., Barbosa, K., Nóbrega, L., Cavalcante, G., Martins, R., Avila, S. (2016) Profile of Men Who Are Victims of Physical Violence by na Intimate Partner. *Springer Science, Business Media New York*. 1-8. doi: 10.1007/s10896-016-

- Berson, I., Berson, M., & Berson, M. J. (2002). Emerging Risks of Violence in the Digital Age. *Journal of School Violence*, 1 (2), 51-71. doi: 10.1300/J202v01n02_04
- Bertoquini, V., & Pais-Ribeiro, J. L. (2006). Estudo de Formas Reduzidas do NEO-PI-R. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 11(1), 85-101. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/310458188_Estudo_de_formas_muito_reduzidas_do_Modelo_dos_Cinco_Factores_da_Personalidade
- Castanho, A. (2018) Violência doméstica e de género e mutilação genital feminina – Avaliação de Risco em Violência Doméstica. Apresentação decorrida no âmbito da ação de formação “*Violência doméstica e de género e mutilação genital feminina*”, no CEJ (Lisboa), a 15 de junho de 2018, 15-41. Retirado de http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/penal/eb_ViolenciasDomesticas.pdf
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na Intimidade Juvenil: Da Vitimação à Perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (24), 485-493. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n4/v24n4a04.pdf>
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 18, 355-359. doi:10.1016/j.jflm.2011.07.006
- Chen, W., Xie, X., Ping, F., & Wang, M. (2017). Personality Differences in Online and Offline Self-disclosure Preference Among Adolescents: A Person-oriented Approach. *Personality and Individual Differences*, 105, 175-178. doi: 10.1016/j.paid.2016.09.048
- Cheung, C. M. K., Chiu, P., & Lee, M. K. O. (2010). Online social networks: Why do students use Facebook? *Computers in Human Behaviour*, 27 (4), 1337–1343. doi: 10.1016/j.chb.2010.07.028
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (2016) Caracterização do fenómeno e respostas aptas à sua erradicação - CIG. *Violência Doméstica – Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno*. Manual Pluridisciplinar. Centro de Estudos Judiciários, 1-115. Retirado de http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/outros/Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf
- Couto, J. M. (2013). Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e Criminal. *Instituto Superior*

- de Ciências da Saúde Egas Moniz*. Almada, Portugal. 1-65. Retirado de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6245/1/2013_Couto%2c%20J%C3%BAlia%20M.%20do.pdf
- Correa, T., Hinsley, A., & de Zúñiga, H. (2010). Who interacts on the Web?: The intersection of users' personality and social media use. *Computers in Human Behavior*, 26 (2), 247–253. doi: 10.1016/j.chb.2009.09.003
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). NEO-PI-R Professional manual. *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five Factor Inventory (NEO-FFI)*. Editora CEGOC – TEA, 2000. Adaptação Portuguesa Lima, M. & Simões, A. Psychological Assessment Resources, Inc., 1ª Edição.
- Dahlberg, L. (1998) Youth Violence in the United States - Major Trends, Risk Factors, and Prevention Approaches. *American Journal of Preventive Medicine*, 14 (4), 259-272. doi 10.1016/S0749-3797(98)00009-9
- Devaraj, S., Easley, R. & Crant, J. (2008) Research Note - How Does Personality Matter? Relating the Five-Factor Model to Technology Acceptance and Use. *Information Systems Research*, 19 (1), 93-105. doi.org/10.1287/isre.1070.0153
- Eckstein, J. (2011). Reasons for staying in intimately violent relationships: Comparisons of men and women and messages communicated to self and others. *Journal of Family Violence*, 26, 21–30. doi: 10.1007/s10896-010-9338-0
- Gardner, C. (1995) Passing by: Gender and Public Harassment. University of California Press. Berkeley and Los Angeles, California, 1-89. Retirado de <https://www.ocac.cl/wp-content/uploads/2015/01/Carol-Brooks-Gardner-Passing-by-Gender-and-public-harassment.pdf>
- Giedd, J. N. (2012). The digital revolution and adolescent brain evolution. *Journal of Adolescent Health*, 51, 101–105. doi: 10.1016/j.jadohealth.2012.06.002
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003) Adolescent Dating Violence: Prevalence, Risk Factors, Health Outcomes, and Implications for Clinical Practice. *JOGNN: Clinical Issues*, 32 (2), 227-238. doi: 10.1177/0884217503252033
- Gosling, S. D., Augustine, A. A., Vazire, S., Holtzman, N., Gaddis, S. (2011) Manifestations of Personality in Online Social Networks: Self-Reported Facebook-Related Behaviors and Observable Profile Information. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14 (9), 483-488. doi: 10.1089/cyber.2010.0087

- Hines, D. & Douglas, E. (2010). Intimate terrorism by women towards men: Does it exist? *Journal of Aggression Conflict and Peace Research*, 2, 36-56. doi: 10.5042/jacpr.2010.0335
- Kaplan, A., & Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, 53 (1), 59-68. doi 10.1016/j.bushor.2009.09.003
- Kraut, P., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: a social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 65-77. doi: 10.1037/0003-066X.53.9.1017
- Kraut, R., Kiesler, S., Boneva, B., Cummings, J., Helgeson, V., & Crawford, A. (2002). Internet paradox revisited. *Journal of Social Issues*, 58, 49-74. doi: 10.1111/1540-4560.00248
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Zwi, J. A., Mercy, A. B. & Lazaro, R. (2002) World Report on Violence and Health. Geneva, WHO. 87-113. doi: 10.1016/S0140-6736(02)11133-0
- Livingstone, S., Ólafsson, K., & Staksrud, E. (2011). Social networking, age and privacy. LSE London: EU Kids Online, 1-13. Retirado de [http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20\(2009-11\)/EUKidsOnlineIIRports/ShortSNS.pdf](http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20(2009-11)/EUKidsOnlineIIRports/ShortSNS.pdf)
- Machado, C., Gonçalves, M. & Matos, M. (2015) Manual de Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (E.C.V.C.) e Inventário de Violência Conjugal (IVC). *Psiquillibrio Edições*, 3ª. ISBN 978-972-9805 2-9-5
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25 (1), 43-52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, A. (2016) Intimate partner violence against men: From characteristics to their meanings. Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada, *Universidade do Minho*, Escola de Psicologia, 1-222. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42585/1/Andreia%20Patr%C3%ADcia%20Guimar%C3%AAs%20Machado.pdf>
- Matos, M. (2006) Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Tese de Doutoramento em Psicologia da Justiça. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. Retirado de

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5735/1/Tese.pdf>

- Moore, K. & McElroy, J. C. (2012) The influence of personality on Facebook usage, wall postings, and regret. *Computers in Human Behavior*, 28 (1), 267–274. doi: 10.1016/j.chb.2011.09.009
- Nelas, P., Chaves, C., Coutinho, E. Cruz, C., & Amaral, O. (2016) Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. Revista de Psicologia, 2, 357-364. doi. 10.17060/ijodaep. 2016.n1. v2.234
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos Jovens Universitários face à Violência nas Relações Amorosas. 1061-1074. Retirado de <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/126.pdf>
- Oliveira, M. (2009) Violência Intergeracional: Da violência na família à violência no namoro. Dissertação de Mestrado em Ciências Forenses. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, Universidade do Porto, 6, 162-170. Retirado de <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1325>
- O’Keefe, M. K., Brockopp, K., & Chew, E. (1986). Teen dating violence. *Social Work*, 31, 465-468. doi: 10.1093/sw/31.6.465
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, IV (4), 165-184. Retirado de <http://www.redalyc.org/pdf/362/36240201.pdf>
- Peluchette, J., Karl, K., & Wood, C. (2015). Cyberbullying Victimization: Do Victims' Personality and Risky Social Network Behaviors Contribute to the Problem? *Computers in Human Behavior*, 52, 424-435. doi: 10.1016/j.chb.2015.06.028
- Pempek, T. A., Yermolayeva, Y. A., & Calvert, S. L. (2009). College students’ social networking experiences on Facebook. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 227–238. doi: 10.1016/j.appdev.2008.12.010
- Perez, P.J. & Rasmussen, K. (1997) An Ounce of Prevention: A Model for Working with Couples At-Risk for Battering. *Contemporary Family Therapy*, 19 (2), 229-251. doi.org/10.1023/A:1026171219726
- Ribeiro, P. (2013) A dimensão juspsicológica da violência no namoro: um estudo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social. *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*, Escola da Psicologia e

-
- Ciências da Vida, 1-113. Retirado de http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6016/DM_PaulaRibeiro.pdf?sequence=1
- Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2011) Práticas e comportamentos de vitimização na relação de namoro em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. Revista de Psicologia, 4, pp. 197-206.
- Ross, C., Orr, E. S., Sisic, M., Arseneault, J. M., Simmering, M. G., & Orr, R. R. (2009). Personality and motivations associated with Facebook use. *Computers in Human Behavior*, 25 (2), 578–586. doi: 10.1016/j.chb.2008.12.024
- Saavedra, R. & Machado, C. (2013) Programas de Prevenção Primária da Violência nos Relacionamentos Íntimos: Da Prática Internacional à Prática Nacional. *Journal of Child and Adolescent Psychology*. Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. Lisboa, 4 (1), 65-93. Retirado de <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/viewFile/90/84>
- Sainz, Y., Castro, M. & Quintana, A. (2007). Violencia en el noviazgo adolescente. *Revista Internacional de Psicología*, 8 (2), 1-34. doi 10.33670/18181023.v8i02.46
- Santos, E. (2015) Intervenção Social na Violência no Namoro – Estratégias de Prevenção. Dissertação de Mestrado. *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. 1-147. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6824/EVON%C3%8AS%20DE%20O.%20SANTOS%2000.pdf?sequence=1>
- Simão, A., Paulino, P., Ferreira, P., Ramalho, S., Francisco, S., & Souza, S. (2017) Família e escola: Perspetivas sobre a utilização de meios tecnológicos e segurança. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*. 5, 1-6. doi: 10.17979/reipe.2017.0.05.2505
- Singer, M. I., Anglin, T. M., Song, L. Y., & Lunghofer, L. (1995). Adolescents' exposure to violence and associated symptoms of psychological trauma. *Journal of the American Medical Association*, 273 (6), 477-482. doi: 10.1001/jama.1995.03520300051036.
- Sozio, M., Ponte, C., Sampaio, I., Senne, F., Ólafsson, K., Alves, S. & Garroux, C. (2015). Children and Internet use: A comparative analysis of Brazil and seven
-

- European countries. *EU Kids Online*, 1-19. Retirado de <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/5/Children%20and%20Internet%20Use.pdf>
- Taylor, L., Zuckerman, B., Havik, V., & Groves, B. M. (1994). Witnessing violence by young children and their mothers. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 15 (2), 120-123. doi: 10.1097/00004703-199404000-00010
- Turkle, S. (2011) Alone Together - Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. *Basic Books*. New York, 1-322. Retirado de https://www.academia.edu/3129910/Alone_together_Why_we_expect_more_from_technology_and_less_from_each_other
- Ullman, S. (2004). Sexual assault victimization and suicidal behavior in women: A review of the literature. *Aggression and Violent Behaviour*, 9, 331-351. doi 10.1016/S1359-1789(03)00019-3
- União de Mulheres Alternativa e Resposta - UMAR (2017) Violência no Namoro: Resultados Nacionais apontam a gravidade do problema. 1-15. Retirado de http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf
- União de Mulheres Alternativo e Resposta – UMAR (2019) Dados 2018. Observatório de Mulheres Assassinadas. 1-23. Retirado de http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/OMA_FEMIC%C3%8DDIO_Relat%C3%B3rio_2018_em_18_02_2019.pdf
- Valkenburg, P.M., & Peter, J. (2007). Online communication and adolescents' well-being: Testing the stimulation versus the displacement hypothesis. *Journal of Computer Mediated Communication*, 12 (4). doi: 10.1111/j.1083-6101.2007.00368.x
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2011). Online Communication Among Adolescents: An Integrated Model of Its Attraction, Opportunities, and Risks. *Journal of Adolescent Health*, 48 (2), 7-121. doi: 10.1016/j.jadohealth.2010.08.020.
- Wehrli, S. (2008). Personality on social network sites: An application of the five factor model. *Eth zurich sociology working papers*, ETH Zurich, 7, 1-17. Retirado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.1061&rep=rep1&type=pdf>
- Wekerle, C. & Wolfe, D. A. (1999) Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*,

19, 435-456. doi: 10.1016/S0272-7358(98)00091-9

- Whitaker, D. J., Morrison, S., Lindquist, C., Hawkins, S. R., O'Neil, J. A., Nesisus, A. M., Mathew, A., & Reese, L. (2006). A critical review of interventions for the primary prevention of perpetration of partner violence. *Aggression and Violent Behaviour*, 11, 151-166. doi: 10.1016/j.avb.2005.07.007
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K. M. (2010). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13 (2), 173–177. doi 10.1089/cyber.2009.0094
- Woffordt, S., Mihalic, D., & Menard, S. (1994) Continuities in Marital Violence. *Journal of Family Violence*, 9 (3), 195-223. doi: 10.1007/BF01531948
- Wright, M. F. (2017). The Role of Technologies, Behaviors, Gender, and Gender Stereotype Traits in Adolescents' Cyber Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-20. doi: 10.1177/0886260517696858

ANEXOS

ANEXO I

Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Psicologia Forense, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, elaborámos um estudo intitulado “Estudo Preliminar sobre a Frequência das Redes Sociais e a Caraterização de Dimensões da Personalidade de Vítimas de Violência em Relações Íntimas”.

Este será composto pela aplicação de um Questionário Sociodemográfico e de dois testes (um sobre violência e outro sobre personalidade).

Todas as respostas são anónimas, servindo os resultados do estudo apenas para fins académicos. Não existem respostas certas ou erradas, pedimos apenas que responda com sinceridade.

A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento.

Pedimos-lhe que complete um conjunto de questionários, cujo preenchimento poderá demorar aproximadamente 20 minutos.

Declaro que fui informado/a de que a minha participação neste estudo é voluntária e que por isso posso recusar-me a participar, ou que posso desistir deste estudo a qualquer momento sem qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste termo, e permito que minhas respostas sejam analisadas e utilizadas para este estudo.

Deseja prosseguir?

☐ Aceito de livre vontade participar no presente estudo.

* Documento transformado em Questionário Online.

ANEXO II

Questionário Sociodemográfico

I. Dados Pessoais

1. Idade: _____ anos 2. Sexo: _____
3. Estado Civil: _____
4. Nacionalidade: _____
5. Afinidade Populacional (Etnia):
- | | | | | | | |
|------------|--------------------------|---------|--------------------------|-------|--------------------------|-------------|
| Asiático | ☐ | Indiana | ☐ | Outra | ☐ | Qual: _____ |
| Caucasiano | ☐ | Negra | ☐ | | | |
6. Naturalidade: _____
7. Área de Residência: _____
8. Habilitações Literárias: _____ | Área de Formação: _____
9. Nível Socioeconómico:
- | | | | | | |
|-------|--------------------------|-------|--------------------------|------|--------------------------|
| Baixo | ☐ | Médio | ☐ | Alto | ☐ |
|-------|--------------------------|-------|--------------------------|------|--------------------------|
10. Estado Profissional: Empregado ☐ Profissão: _____
- Desempregado ☐

II. Estrutura Familiar

11. Quantos elementos compõem o agregado familiar: _____

12. Que elementos compõem o seu agregado Familiar:

Mãe	☐	Tios/as	☐	Companheiro/a	☐
Pai	☐	Avós/ôs	☐	(Ex) Cônjuge	☐
Irmão/ã	☐	Padrasto/Madrasta	☐	Filhos	☐

13. Que estilo parental mais se adequa a si:

Autoritário	☐	Democrático	☐	Liberal	☐
Misto	☐	Permissivo	☐		

III. Relacionamentos Afetivos

14. Possui alguma relação amorosa atualmente? _____

15. Se sim, há quanto tempo dura essa relação?

0 – 6 Meses	☐	6 – 12 Meses	☐
1 – 5 Anos	☐	Mais de 5 Anos	☐

16. Caracterize os seus relacionamentos anteriores (assinale todas as opções que identificar):

Estáveis	☐	Dependentes	☐	Companheirismo	☐
Respeitosas	☐	Breves	☐	Conflituosa	☐
Possessivas	☐	Ciumentas	☐	Infiéis	☐

17. Sente que já foi vítima de violência em alguma relação amorosa? _____

18. De que tipo de comportamentos foi vítima:

Ameaçar	☐	Insultos	☐	Pontapear	☐
Humilhar	☐	Esmurrar	☐	Controlo de mensagens/chamadas	☐

19. Com que frequência estes comportamentos se repetiam:

Diariamente	☐	Mensalmente	☐
Semanalmente	☐	Pontualmente	☐

IV. Redes Sociais

20. Que redes sociais utiliza (assinale de 1 a 9, sendo 1 a que mais utiliza):

Facebook		Youtube		Pinterest	
Instagram		WhatsApp		Twitter	
Snapchat		LinkedIn		Tumblr	

21. Com que frequência utiliza estes aplicativos (por dia):

1 – 5 horas		10 – 15 horas	
5 – 10 horas		Mais de 15 horas	

22. Que ações realiza com mais frequência:

Comentar fotos de amigos		Publicar fotos/ partilhas	
Atualizar próprio perfil		Ler notícias	
Verificar feed de notícias			

Obrigada pela sua colaboração!